

Ventos Imperiais Russos na Invasão da Ucrânia



Gloria Maria Vargas
Departamento de Geografia
Universidade de Brasília

A invasão da Ucrânia pela Rússia surpreendeu o mundo na última quinta-feira, 24 de fevereiro de 2022. O tipo de surpresa, relatada magistralmente por Gabriel Garcia Márquez na sua *Crônica de uma morte anunciada*, é daquelas em que se sabia que os fatos acontecidos tinham alta probabilidade de ocorrência, com múltiplos atores e instituições se debruçando sobre os antecedentes e fazendo cálculos sobre as suas possíveis consequências. No entanto, naquela quinta-feira (24/02/2022) ficamos todos estupefatos quando assistimos às imagens e tomamos consciência da magnitude do que estava acontecendo.

Causas que envolvem a complexa história da Ucrânia, têm sido apresentadas nos noticiários como pedaços de um quebra-cabeças desenhado, às vezes de improviso, para explicar as cenas que temos sido obrigados a digerir.

Há diferentes formas de emoldurar os acontecimentos. Uma delas, pouco comentada nos meios de comunicação, pelo menos até agora, é a de olhar para a Rússia como um poder com nostalgia do Império que já foi. Isto significa ver-se capaz de exercer enorme projeção de poder territorial, zelar pelos laços étnicos no seu entorno geográfico e preservar a “unidade do seu destino”.

O confronto com a Ucrânia pode, dessa maneira, ser referenciado numa escala maior, em que o “inimigo” não é o país invadido, visto que Vladimir Putin, o Kremlin e seus assessores não reconhecem sequer a existência da Ucrânia como tal, como ficou explícito no discurso de Putin em 22/02/2022, ao afirmar que a Ucrânia de hoje é um estado que nunca existiu na história. O confronto é com o Ocidente, e começou de forma explícita há nove anos,

quando da anexação russa da Crimeia (março/2014) e o respaldo à insurgência na região de Donbas (abril/2014), no leste ucraniano. O impasse vivido até a quinta-feira passada e que desembocou na invasão, mostra que esta aguda crise, dentre muitas outras coisas, revela a medida em que a identidade imperial russa, seu status internacional e a percepção que as elites e o Kremlin têm da Ucrânia estão intimamente relacionados.

A implosão da União Soviética há 30 anos deixou a Rússia em uma posição geográfica única, como o país com o maior número de Estados vizinhos. A maioria desses Estados faziam parte das fronteiras imperiais e muitas delas são hoje o resultado de limites administrativos internos, pobremente delimitados na era soviética. Não é de se estranhar que muitos dos estrategistas do Kremlin façam a distinção entre as fronteiras formais da Federação Russa e o que eles consideram ser as fronteiras estratégicas, definidas em grande medida por interesses de segurança e econômicos. Estas últimas são maiores e mais expansivas que as primeiras e tendem a coincidir com os limites da antiga União Soviética.

Há um outro aspecto complexo sobre a situação fronteiriça da Rússia que merece ser mencionada. Diz respeito a como as fronteiras formais da Federação se relacionam com a esfera de identidade russa. Quando os líderes russos discutem sobre os russos étnicos que moram nos estados contíguos, utilizam o termo “compatriotas” para se referir a eles. Dessa forma, fica explícita uma incorporação desses russos que moram fora do território. Isto provê uma base ideológica para o que se considera o “mundo russo”. Destarte, o Kremlin pode justificar para si mesmo que há uma Rússia que se estende além das fronteiras da Federação Russa. Não é de se estranhar que o Kremlin afirme que os russos são o maior e mais dividido povo do mundo. A necessidade de proteger esses “parentes e amigos” foi a principal justificativa russa para a anexação da Crimeia e o seu envolvimento no leste ucraniano. A existência das múltiplas fronteiras da Rússia, tanto formais quanto estratégicas, assim como a diferença entre seu corpo geográfico e seu corpo cultural, são vistos pelos estrategistas do Kremlin como instrumentos de manipulação úteis, em geral instrumentos do *Soft*

Power, que podem ser usados para estabelecer influência e controle na Eurásia pós-soviética.

A razão pela qual Putin recorreu à força, a despeito de seus intentos de trazer a Ucrânia para seu projeto da União Eurasiana, foi ter percebido que estava perdendo terreno na competição geopolítica sobre ela para a União Europeia (UE).

Como herdeiros de um antigo império, os líderes russos, veem na UE, respaldada pelo poder militar da Otan, ambições imperiais, configurada em novo formato – uma espécie de império de nova geração, com mecanismos mais normativos e burocráticos do que de invasão e conquista territorial. Seu exercício de poder se dá mediante a extensão de normas, valores e regras, e os territórios que incorpora devem aceitar essas normas e regulações para serem considerados membros. Isto não significa que o território não seja importante. A expansão da EU e da Otan implicou, por parte de ambas, o seu alargamento em termos territoriais e foi o produto do *Power Politics* visando preencher o vazio de poder à luz do colapso da União Soviética. Nessa perspectiva, o império e a geoestratégia da UE seria expandir-se e absorver territórios potencialmente desestabilizadores mediante a exportação de valores, regras e normas.

A UE também tem uma esfera de identidade, só que o *modus operandi* é diametralmente oposto ao da Rússia neste aspecto. Sendo uma entidade baseada em normas e valores, cultiva uma identidade que, embora incluindo o territorial, o transcende. Isto significa que pode se expandir até onde suas normas, regras e valores sejam bem-vindas e adotadas.

Durante muitos anos, a Rússia tentou manter a Ucrânia na sua órbita mediante a manipulação de elementos identitários. Mas quando o Kremlin percebeu que os valores europeus pareciam estar se introjetando na Ucrânia, especialmente em 2014 durante a Revolução Laranja, a despeito dos ideais eurasiáticos e eslavos estimulados por Moscou, a Rússia decide voltar às soluções imperiais antigas: enviou tropas e invadiu o país.

Concluindo essa breve reflexão, podemos dizer que Geografia, Geopolítica, História e Cultura influenciam as ações humanas, individuais e coletivas.

Assim, vale a pena refletir sobre isto e não desmerecer nenhum desses fatores.